



**BOLETIM
DO GRUPO TEMÁTICO
DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
SAÚDE COLETIVA**

ANO 1 - N. 1 - 2020

A EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NAS ÁGORAS DA ABRASCO

Por César Augusto Paro, José Ivo dos Santos Pedrosa
e Vanderléia Laodete Pulga
Integrantes do GT EdPopSaúde/Abrasco

Em 07 de abril de 2020, Dia Mundial da Saúde, a Abrasco inaugurou um novo espaço da Saúde Coletiva brasileira para acompanhar o desenvolvimento da pandemia, compreender fenômenos a ela relacionados e propor respostas: a Ágora Abrasco.

Trata-se de um espaço de informação, de escuta e de troca intelectual que busca dialogar e debater com diversos públicos, somando os esforços para a construção de alternativas às *fake news* e às campanhas de desinformação estimuladas/disseminadas por atores políticos. Conheça aqui os dois encontros que tiveram o protagonismo do GT EdPopSaúde em sua construção.

PAINEL

“EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E A PANDEMIA: DIÁLOGOS E OPORTUNIDADES”

O PAINEL evidenciou as estratégias que vem sendo realizadas na Atenção Básica (AB) para manter o trabalho junto a comunidade. Para tanto, vem sendo criadas novas modalidades de comunicação com a população, como, por exemplo, através do *WhatsApp*, *podcasts*, programas de rádio, telefone e orientações gerais das equipes de saúde nas ações com Conselhos Locais de Saúde, usuários do SUS e outras formas de organização popular e comunitária em cada território.

A partir do contexto hospitalar, foram trazidas as dificuldades para a garantia de equipamentos de proteção aos trabalhadores da saúde, que vêm sendo contaminados, adoecidos e perdendo suas vidas. É enfatizada a importância da articulação entre os diferentes pontos das redes de atenção integral à saúde da população no SUS, desde a AB ao nível hospitalar: toda a rede SUS precisa atuar integrada para viabilizar o cuidado e evitar o caos e o aumento da mortalidade.

No contexto das favelas, são identificados um conjunto de dificuldades que a pandemia desvela e que se relacionam com as determinações sociais do processo saúde-doença-cuidado, como a desigualdade social, a falta de saneamento básico, a ausência de segurança pública, a morte de pessoas das favelas pela violência policial e do tráfico, a necessidade de moradias dignas e o problema do desemprego, além das doenças existentes que se somam ao COVID-19, as manifestações psicossomáticas e as dificuldades para o enterro das pessoas mortas. Dos movimentos autônomos dos moradores, emergem respostas que vão desde atos de solidariedade concreta para garantir condições dignas aos moradores em situações de vulnerabilidades, à construção de atos e planos políticos, que reivindicam maiores investimentos do Estado para esta realidade social.

As reflexões deste encontro enfatizaram a necessidade de qualificar as formas e o tipo de comunicação feita sobre o coronavírus diante da pandemia e problematizaram o quanto a população recebe, introjeta e

O cartão de divulgação do painel apresenta o seguinte conteúdo:

- PAINEL**
Educação Popular em Saúde e a Pandemia: Diálogos e Oportunidades
- Convidados**
 - José Ivo Pedrosa (Vice-presidente/Abrasco, UFFPar)
 - Renata Pekelman (Unislins)
 - Alam Brum Pinheiro (Coordenador Inst. Raízes em Movimento)
 - Bruno Vaz de Melo (Médico cirurgião - SMS/Rio de Janeiro)
- Coordenação**
 - Vanderleia Laodete Pulga (UFFS)
- YouTube LIVE** - 20 de maio - 16h - TV Abrasco
- ÁGORA ABRASCO** (Logotipo da Abrasco)

traduz em medidas protetivas individuais e coletivas em seu cotidiano de vida diante de situações onde essas ações são impossíveis de serem realizadas frente, por exemplo, à falta de água. Revelou a importância de valorizar, reconhecer e dar visibilidade às potencialidades presentes dos diferentes atores sociais existentes nos territórios. É também crucial o fortalecimento do SUS e das políticas públicas para que sejam capazes de incidir sobre os determinantes sociais, em especial, no enfrentamento às desigualdades sociais e na produção de iniciativas em defesa da vida, pois todas as vidas valem a pena. É preciso cuidar e proteger trabalhadores da saúde para que possam salvar vidas! [Saiba mais](#) e [assista aqui o vídeo completo](#).

COLÓQUIO

Educação Popular em Saúde e a Covid-19: saberes e práticas de protagonistas dos territórios e serviços

Convidados



Neide Kellen Sequeira
ASERHC



João Paulo Barreto
NEAI/UFAM



Sérgio Uchôa de Lima
ACS - SEMSA/AM



Alan Brum Pinheiro
Instituto Raízes em Movimento

Coordenação



José Ivo Pedrosa
Vice-presidente da Abrasco
UFDFPar



1 de julho - 15h - TV Abrasco

Debateadores: Vanderleia Laodete Pulga, Osvaldo Peralta Bonetti e Luanda de Oliveira Lima

ÁGORA ABRASCO



Imagens: Comunicação da Abrasco.

COLÓQUIO

“EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E O COVID-19: SABERES E PRÁTICAS DE PROTAGONISTAS NOS TERRITÓRIOS E SERVIÇOS”

Diante das dificuldades causadas pelas crises sanitária, política, econômica e institucional, bem como da nítida ausência do Estado, o Colóquio teve como objetivo evidenciar e refletir sobre os saberes e práticas que se tornaram visíveis no protagonismo de movimentos sociais e de trabalhadores de saúde no enfrentamento do COVID-19. Promoveu o encontro com convidados que compartilharam suas experiências a partir de suas distintas inserções: em comunidades tradicionais como as comunidades indígenas, no cotidiano dos serviços de saúde na Atenção Básica e nível hospitalar e nos movimentos que acontecem nas periferias de grandes centros urbanos.

A experiência indígena mostrou a força dos saberes tradicionais, principalmente em momentos em que a organização dos serviços não responde às suas necessidades, recuperando a cosmologia do povo

indígena que traz a noção de cuidado do corpo como barreira ao vírus e uso de plantas medicinais como cortina de proteção à saúde, reconhecendo outras epistemologias.

No trabalho da saúde, vimos o protagonismo dos trabalhadores do nível hospitalar em saírem do seu espaço de conforto e irem ao encontro do usuário para entender suas angústias e dividindo incertezas, extrapolando o tecnicismo. No nível local, emerge por parte das equipes de Atenção Básica o compromisso das equipes multiprofissionais no desenvolvimento de práticas colaborativas em que o diálogo com a população é fundamental para compreender o território e promover a adesão nas ações de enfrentamento.

Com as periferias, o protagonismo se encontra na concepção de que as pessoas são sujeitos da vida, de projetos políticos e de interlocução na formulação e controle social das políticas públicas e, principalmente, na construção compartilhada entre o saber do cotidiano e os saberes acadêmicos visando à inclusão social e a produção da vida.

Como desafios, persistem questões como: pensar a saúde para além dos hospitais e demais serviços de saúde para favorecer a integralidade do cuidado, fortalecer o apoio social para que a população coloque em pauta o papel do Estado Protetor, e, principalmente, escutar e incorporar as potências locais e vozes dos movimentos populares no processo de enfrentamento do presente e construção do futuro. [Saiba mais](#) e [assista aqui o vídeo completo](#).

“EDUCAÇÃO POPULAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: TODAS AS CERTEZAS SÃO PROVISÓRIAS”

Por [Helena Maria Scherlowski Leal David](#), [Maria Waldenez de Oliveira](#) e
[Eymard Mourão Vasconcelos](#)
Integrantes do GT EdPopSaúde/Abrasco

Com a situação da expansão da pandemia por COVID-19, o GT EdPopSaúde/Abrasco foi convidado ao final de março pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) para contribuir com o [Boletim da ANPED](#) – uma das formas de comunicação desta associação que busca trazer as reflexões e contribuições de pesquisa de seus diversos GT, com periodicidade mensal.

No texto produzido por nós, intitulado por [“Educação Popular em tempos de pandemia: todas as certezas são provisórias”](#), procuramos trazer algumas perplexidades e indagações sobre o papel das ações de Educação em Saúde e Educação Popular e Saúde (EPS) diante da situação de desigualdade e injustiça social no país, que determina que a pandemia nos atinja a todos, porém de formas muito diferentes. Questões como acesso a saneamento básico e água potável, moradia digna, condições estáveis de trabalho e renda mínima passaram a compor os debates cotidianos, e é preciso indagar quais práticas educativas se fazem necessárias para fortalecer o protagonismo dos grupos e pessoas das classes populares nesse enfrentamento, que vai além da pandemia.

Trouxemos, assim, muito mais indagações do que assertivas em torno da temática proposta, indagações estas que tem demandado a produção de respostas concretas de alinhamento do setor acadêmico – universidades, centros de pesquisa – junto às comunidades, áreas e cidades periféricas e pobres, na produção de estudos que evidenciem as potencialidades das ações coletivas produzidas nos territórios, e a defesa intransigente de um SUS e efetivamente universal e não restrito a atender apenas o adoecimento e os casos graves.

SOBRE A ANPED E SUA RELAÇÃO COM O GT EDPOPSAÚDE/ABRASCO

O Grupo de Trabalho de Educação Popular (GT EP) da ANPED foi constituído em 1981, sendo um dos primeiros nessa Associação, fundada em 1978. Podemos localizar nas ações de [Victor Valla](#) o caminho central dessa aproximação entre EP e EPS dentro da ANPED. Valla participava assiduamente da ANPED, pois atuava na Pós-Graduação em Educação da UFF, além da ENSP/Fiocruz, onde pesquisava as condições de vida das classes populares em temáticas como escola, fracasso escolar e favela. Nos anos 1980, a convite de Valla, Eymard Vasconcelos, médico e, à época, estudante do Mestrado em Educação da UFMG, iniciou sua participação no GT EP/ANPED, a qual se tornaria ativa e frequente.

A partir dos anos 1990, com a criação da Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde e, posteriormente, da Rede de Educação Popular e Saúde – RedePop, ampliaram-se as interlocuções das duas áreas, com reflexos nos trabalhos apresentados em inúmeras reuniões da ANPED por ambos os pesquisadores e alguns outros que participaram de forma menos constante. Ao mesmo tempo, Valla também se aproximava da Abrasco, abrindo portas para o tema da EPS em seus eventos devido à sua boa relação com alguns dirigentes da Associação. A

temática da EPS foi assim adentrando na Abrasco, agregando pesquisadores e militantes nessa temática, até que, em 2000, consubstanciou-se o GT EdPopSaúde/Abrasco.

Waldenez Oliveira, enfermeira pós-graduada em Educação, iniciou sua participação na ANPED em 2003, quando fazia pós-doutorado com Valla e Eduardo Stotz. A participação de Eymard e Waldenez nos GT da ANPED e da Abrasco teve um papel estruturante em suas formações. Nos cursos de pós-graduação em educação das universidades em que esses dois pesquisadores atuavam, a formação de docentes e pesquisadores no tema teve um papel muito estruturante também no próprio movimento de EPS. Isso aconteceu de forma similar no Rio de Janeiro, pela participação de Valla na pós-graduação em Saúde Pública da ENSP.

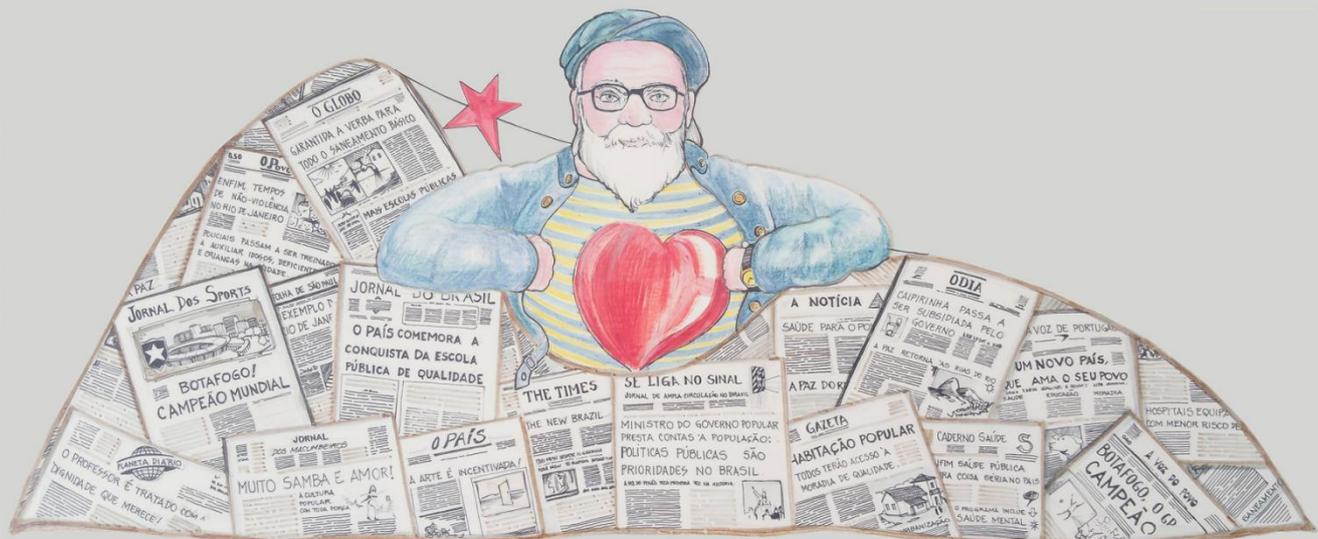
As pesquisas em EPS foram sempre muito bem acolhidas no GT EP/ANPED. Há um reconhecimento da riqueza dessa participação tanto para as pesquisas da EP em geral quanto para a reorientação das políticas públicas de saúde. Essa conquista de valorização dos desafios da saúde junto a grandes pesquisadores da Educação possibilitou que muitos acolhessem como orientandos mestrandos e doutorandos vindos do setor saúde. Foram os estudos das Ciências da Educação, especialmente da EP, que propiciaram a elaboração do conceito de EPS nos anos 80 – até então, a EPS já estava presente nas experiências de saúde comunitária, mas ainda de forma não explícita.

Ao mesmo tempo, muitos pesquisadores da ANPED começaram a ser convidados para debates e eventos do setor saúde. Assim, as reflexões mais gerais das Ciências da Educação passaram a ser levadas para a produção do conhecimento da Saúde Coletiva. Colaborações também foram dadas por pesquisadores do GT EdPopSaúde/Abrasco em eventos e produções da ANPED.

GT EDPOP/ABRASCO RECOMENDA:

Você conhece as contribuições de Victor Vicent Valla para a Educação Popular?

Acesse a [sua página](#) e confira sua biografia, produções e memórias, bem como documentos históricos desenvolvidos pelo Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina, que teve Valla como um de seus fundadores.



Desenho oferecido a Victor Vincent Valla pelos alunos da UFF, por ocasião do recebimento do Título de Cidadão Carioca. O desenho representa, com muito humor, além do seu enorme coração seus desejos de manchetes nos jornais.

Imagem: <https://www.victorvincentvalla.com.br/>

PROJETOS DE EXTENSÃO POPULAR CONTRIBUEM NA RESPOSTA AO CONTEXTO PANDÊMICO

Por César Augusto Paro
Integrante do GT EdPopSaúde/Abrasco

A extensão é tida como uma das bases de atuação da universidade, que, juntamente com o ensino e a pesquisa, forma o tripé universitário ensino-pesquisa-extensão. Seja por meio de programas, projetos, eventos, cursos/oficinas ou serviços prestados, ela é representada por atividades que envolvem a interação entre atores das instituições de ensino superior com demais setores da sociedade.

Desde as críticas de Paulo Freire publicadas em 1968 no livro “Extensão ou Comunicação?” quando analisa o problema da comunicação entre o técnico e o camponês no processo de desenvolvimento da nova sociedade agrária que se estava se criando a época, muito se avançou nos sentidos, saberes e fazeres envolvidos com as práticas extensionistas na universidade. A ideia de que a universidade estenderia o conhecimento ali produzido para a comunidade que nada sabe foi sendo problematizada. Várias experiências foram demonstrando as possibilidades de uma atuação em parceria com a sociedade, com foco na democratização do saber e de uma inserção científica pelo trabalho social com vistas a realização dos direitos sociais e humanos, principalmente dos setores sociais que vêm há séculos tendo tais direitos negados.

Este jeito diferente de desenvolver o trabalho social na universidade tem recebido a alcunha de Extensão Popular, principalmente para demarcar as suas diferenças ao caráter assistencialistas e mercantilista ainda existentes em muitas das ações de extensão desenvolvidas.

Na pandemia pelo COVID-19, são múltiplas e diversas as demandas dos grupos sociais: trabalhadores/as de saúde assumem a linha de frente de uma tida “guerra” sem nem mesmo ter o suporte necessário, comunidades carecem de informações de qualidade e com linguagem acessível para construir e demandar ações de saúde e para contrapor notícias falsas que se espalham na mesma velocidade do vírus, práticas de saúde comunitária encontram novas formas de operar no contexto de isolamento físico, dentre outras ações que carecem de apoio e espaço.

Para contribuir com o enfrentamento de tais problemáticas, diversos dos membros do GT EdPopSaúde/Abrasco atuam em alguns projetos de extensão, que, em diferentes dimensões, aportam para fortalecer o SUS e as práticas de saúde desenvolvidas nos serviços. Conheça alguns abaixo:

- [Uma imagem, uma mensagem: expressões de profissionais de saúde no contexto do Covid-19](#)
- [Projeto COMUNA - Comunidade Universitária em Ação](#)
- [Educação Popular e Saúde: construção compartilhada para um cuidado criativo e inclusivo](#)
- [Programa de Extensão e de Pesquisa Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica \(PINAB\)](#)
- [Educação Popular, Equidade e Saúde: capacitação e mobilização de Atores Sociais para Fortalecimento do SUS](#)

Confira [aqui a matéria completa publicada no site da Abrasco](#), bem como um detalhamento sobre cada um destes projetos de extensão no documento [“GT Educação Popular e Saúde da Abrasco: ações de extensão em tempos de isolamento”](#).

O POVO CUIDANDO DO POVO EM DEFESA DO SUS

Por Paulette Cavalcanti de Albuquerque

Coordenadora do Projeto Mãos Solidárias e integrante do GT EdPopSaúde/Abrasco

e Lívia Milena Barbosa de Deus e Mélo

Coordenadora do Projeto Mãos Solidárias

Março de 2020. Vamos nos dando conta de que a pandemia já tinha chegado mesmo e que só nos restava enfrentá-la com as partes do nosso corpo: mãos, cabeça, voz e o coração. Isto é, com nossa capacidade de mobilização, educação popular e a solidariedade amorosa para com o nosso povo.

A solidariedade nos tocou o coração inicialmente pela defesa da vida: proteção contra o vírus e alimentação para o corpo que tem fome. O “fique em casa” é tão pouco equânime, é tão elitista e segregador, que não enxerga quem não tem casa, quem tem que ficar numa casa sem condições suficientes de moradia, quem precisa sair de casa, mas também para quem tem de trabalhar sem equipamento de proteção individual (EPI). Assim, partimos inicialmente para o preparo e distribuição de marmitas para população em situação de rua, bem como para a confecção de máscaras de proteção individual para serviços de saúde e voluntários do Projeto Marmita Solidária. O financiamento se deu por doações da população em geral e de parcerias que confiaram no trabalho.

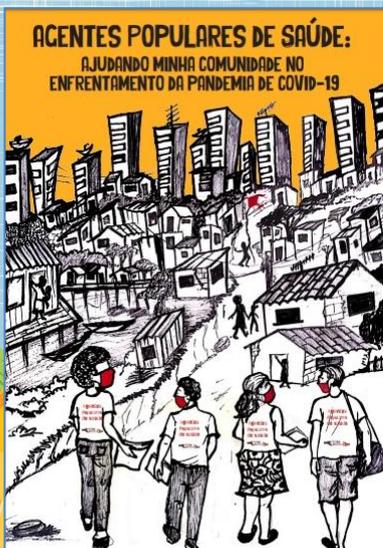
A solidariedade possibilitou que se juntassem ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), outras duas dezenas de organizações entre sindicatos, ONG, igrejas e universidades. Foram se conformando novas frentes de trabalho como a Brigada de Saúde, Brigada de Comunicação, Assessoria Popular Solidária, que, juntas com a Marmita Solidária e as Máscaras Solidárias, foram dando contornos à Campanha Mãos Solidárias.

Aparece a força do conceito de solidariedade ativa, em que o povo é sujeito coletivo, capaz de lutar e conquistar direitos! A solidariedade ativa aponta para a construção de um projeto popular de país, em que a solidariedade da partilha é um princípio.

Chegou o mês de maio e parecia que precisávamos de algo mais, que toda aquela solidariedade voltada à população em situação de rua não seria suficiente: precisava entrar em cena com mais força a Educação Popular e o nosso poder de mobilização e organização do povo. Foi aí que surgiu a ideia da formação dos Agentes Populares de Saúde com o objetivo de ampliar a capacidade de resposta à pandemia do novo coronavírus, que vem se alastrando de forma acelerada, em especial, em contextos de aglomerados urbanos com pouca infraestrutura.

Uma liderança comunitária animada, um articulador político e uma professora da área da saúde promoveram a primeira formação empírica, partindo do saber do povo para construir oficinas educativas na própria comunidade. É da sistematização desta experiência que surge o “Curso de Formação de Agentes Populares de Saúde: ajudando minha comunidade no enfrentamento da pandemia de COVID-19”, cuja cartilha pode ser acessada aqui.

O Agente Popular de Saúde é um voluntário que se importa com a vida dos vizinhos e com sua comunidade, estando disposto a costurar uma rede popular de solidariedade. Ele acompanha os moradores de sua rua, visitando família a família, sem entrar na casa, mantendo distância de pelo menos 1,5 metros e evitando contato corporal, já que, mesmo assintomático, alguém pode transmitir ou ser contaminado.





A proposta foi assumida pela UFPE como curso de Extensão Universitária com carga horária de 20 horas, sendo 12 horas de atividades presenciais (Tempo Escola) e 08 horas na modalidade de dispersão (Tempo Comunidade), a serem realizadas nos seus territórios de moradia ou de atuação. O curso inicia-se com a compreensão melhor do vírus, as formas de transmissão, sinais e sintomas da doença, assim como as formas de prevenção e cuidado, considerando estratégias de mobilização de recursos que garantam

condições de isolamento social. Afinal, sem direito à alimentação, moradia, água e renda, não dá pra ficar em casa! Por isto, ele é dividido em três momentos: Módulo 1 - Quem somos nós? O que conhecemos sobre o vírus?; Módulo 2 - Como cuidar da minha Comunidade?; e Módulo 3 - Sem Direitos não dá pra ficar em casa!.

Após esses módulos, a proposta é de manter reuniões semanais para animação do grupo, debate das situações-problema e articulação de novas ações. Momentos de troca entre as Brigadas Territoriais dos diferentes bairros também estão sendo articulados de forma remota semanalmente.

Para que esta formação alcance seus objetivos, ou seja, salvar vidas, é importante considerar a particularidade de cada comunidade, seus costumes, realidades socioeconômicas e ambiental.

As principais dificuldades, que são muitas, vão desde o deslocamento dos educadores em tempos de distanciamento social, ao risco de contágio, até a campanha eleitoral dos vereadores e de seus apoiadores, que já começou. Todos esses desafios, na verdade, têm sido redimensionados a partir do estímulo da solidariedade. A Educação Popular tem sido muito potente sendo emocionante o crescimento dos agentes semana a semana, bem como dos coordenadores das brigadas e de todos os envolvidos.

Essa proposta parte, portanto, da necessidade de disseminar conhecimentos sobre o novo coronavírus, mas também de discutir os direitos fundamentais para que haja possibilidade de “ficar em casa”. Reconhecer que o distanciamento social é uma necessidade emergencial para salvaguardar vidas é também reconhecer que isso demanda esforços coletivos de solidariedade e luta por direitos historicamente negados ao povo brasileiro.

A formação tem a expectativa de desenvolver capacidades novas de respostas coletivas e comunitárias, somando esforços aos Agentes Comunitários de Saúde e Equipe de Saúde da Família no enfrentamento à pandemia de COVID-19 nos territórios.

O que houve de conquistas até aqui, partiu da luta de muitos sujeitos políticos, sejam nas universidades, pastorais sociais, parlamentares, gestores, com importante papel de lideranças comunitárias e movimentos sociais que se recolocam em cena na luta pela saúde, justiça social e democracia.

[Assista aqui](#) mais sobre o projeto.



MOVIMENTO “O SUS NAS RUAS”

Por Eymard Mourão Vasconcelos

Integrante do Movimento “O SUS nas Ruas” e do GT EdPopSaúde/Abrasco

Estamos vivendo uma situação de calamidade sanitária mundial com a pandemia do COVID-19. Como nunca, a sociedade rapidamente mobilizou enormes esforços institucionais, criou amplas redes locais e internacionais de solidariedade e reorganizou radicalmente os modos de vida dos diversos grupos sociais. O sofrimento e as mortes trazidas pela pandemia ajudaram a demonstrar a capacidade, por poucos antes imaginada, da humanidade em conseguir articular solidariamente governos, instituições da sociedade civil e pessoas.

No Brasil, país atingido pela pandemia alguns meses após seu início, a população, apavorada com a crise vivida em outros países, passou a cobrar ações firmes e urgentes de seus governantes. Governos municipais, estaduais e federal, já contando com significativa experiência acumulada em outros países, vêm implementando várias importantes ações, mas sem grande coordenação nacional, pela desorganização do Ministério da Saúde. A ênfase tem sido no fortalecimento da rede assistencial às pessoas acometidas pelo COVID-19, principalmente da estrutura hospitalar e dos serviços de atendimento ambulatorial de urgência. A ampla rede da atenção primária à saúde, criada pelo SUS nas últimas décadas, tem sido pouco valorizada. Muito menos valorizada tem sido ainda a ampla capacidade de atuação comunitária desses serviços de Atenção Básica (AB).

Uma grande característica do SUS, que o diferencia da maior parte de outros sistemas nacionais de saúde do planeta, é a forte presença de práticas comunitárias participativas, com a construção de inovadoras e eficientes ações de enfrentamento dos problemas de saúde, com importante protagonismo dos moradores e das redes locais de apoio social. Se temos muitas carências estruturais e materiais, temos também essa potencialidade que precisa ser ampliada e valorizada, nesse momento de novos desafios. É fundamental valorizarmos agora o que temos de mais criativo.

A imprensa tem noticiado muitas iniciativas comunitárias autônomas de organização de redes locais de apoio social e mobilização comunitária. Elas apontam para uma possibilidade de grande potencial, que, no entanto, não tem sido ressaltada no planejamento das políticas públicas para o enfrentamento do COVID-19. É fundamental integrar a enorme rede assistencial do SUS nesse esforço dos movimentos sociais, de modo a ampliar esse tipo de abordagem para todos os recantos da nação. Na maioria dos locais, não temos movimentos comunitários tão organizados para tomar a frente de iniciativas semelhantes de maneira autônoma.

Muito se tem investido em ações educativas junto aos grandes meios de comunicação e às redes sociais para orientar e mobilizar a população em relação aos cuidados necessários. Isso tem sido fundamental. Mas, ao mesmo tempo, se está desprezando a imensa rede de trabalhadores da AB, entre eles as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) e as Agentes de Combate às Endemias (ACE). Existem cerca de 400.000 ACS e ACE espalhadas em quase todos os recantos da nação, que conhecem as peculiaridades de seus moradores e têm a sua confiança. Apesar desse desprezo, em todo o país, inúmeros ACS, ACE e outros trabalhadores da AB vêm desenvolvendo ações extremamente criativas e eficientes no enfrentamento da atual crise sanitária.



Tem ficado muito evidente a potência sanitária dessas ações comunitárias integradas à AB, nesse contexto da pandemia do COVID-19. A extrema insegurança da população está abrindo espaços de relação educativa que não eram antes vistos. Mas, essas ações vêm ocorrendo apenas pontualmente e de forma desarticulada. Essa potência precisa ser expandida para todo o SUS e para todos os recantos da nação. As criativas iniciativas pioneiras precisam ser apoiadas e difundidas. Diante da calamidade vivida pelo país, é urgente encontrarmos estratégias para a sua expansão.



Nesse sentido, a ANEPS - Articulação Nacional dos Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde, o MOPS - Movimento Popular de Saúde, a RedePop - Rede de Educação Popular e Saúde e a RedePICS - Rede de Práticas Integrativas e Complementares, a partir da experiência do “Movimento de Mobilização Comunitária e Apoio Social no Enfrentamento do Coronavírus na Paraíba” organizado pelo Comitê Estadual de Educação Popular em Saúde, estão tomando a frente da organização do Movimento “O SUS nas Ruas” para articular trabalhadores da saúde, organizações da sociedade civil, pesquisadores, gestores, estudantes e professores que acreditam na importância da ação comunitária no enfrentamento dessa pandemia.

Acreditamos que a teoria e a metodologia da educação popular, que valoriza as iniciativas já existentes, os saberes dos agentes, o protagonismo dos grupos locais, a construção compartilhada de soluções e o diálogo respeitoso entre o saber científico e o saber popular e dos trabalhadores, é uma referência fundamental para essas ações educativas.

A pandemia exige medidas rapidamente generalizadas em todo o território nacional. É preciso priorizar estratégias de ação no território que já estejam incorporadas no SUS de forma ampla. Nesse sentido, a valorização da tradição das ACS e ACE nas práticas participativas e de educação popular, mesmo em retrocesso nos últimos anos, é fundamental. Elas fazem parte da cultura e da organização institucional da AB presente em cada recanto da nação.

Nesse momento de crise na organização federal do SUS e de intensa desvalorização de muitos de seus princípios orientadores, precisamos mostrar o potencial de um SUS que prioriza a participação comunitária, a integralidade, a universalidade, a equidade e a educação popular. O Movimento Sanitário está sendo chamado a mostrar a sua força e criatividade. Assim, o enfrentamento dessa pandemia poderá também fortalecer a solidariedade, a organização da sociedade, a consciência sanitária e o protagonismo cidadão, revertendo a recente tendência medicalizante na AB.

Entre em nosso grupo de WhatsApp e busque fazer parte das iniciativas de descentralização do movimento que estão ocorrendo em vários estados. Assista nossos debates on-line no Canal Série SUS do YouTube, em que enfatizamos a apresentação das experiências, dúvidas e aprendizados dos trabalhadores e militantes da ação comunitária, anunciadas por eles mesmos e, não, por intelectuais que fazem suas análises a seu respeito. O protagonismo político passa pelo protagonismo cognitivo.



Imagens: Movimento “O SUS nas ruas”.

COLETÂNEA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Por César Augusto Paro, Marcos Aurélio Matos Lemões e Renata Pekelman
Organizadores da Coletânea e Integrantes do GT EdPopSaúde/Abrasco

Tijolo por tijolo... Telha por telha... Lajota por lajota... É encaixando peça por peça, misturando alguns materiais e dando tempo ao tempo – respeitando os momentos e o lugar no espaço-tempo que cada parte tem na constituição do todo – que o processo de uma construção se dá. Por vezes, alguns muros precisam ser quebrados, para serem reconstruídos lugares outros que, ao invés de divisar os espaços e limitar fronteiras, possam compor paisagens de encontros polifônicos, transformando muros em jardins.

Construir jardins, que, por vezes, exige a quebra de muros que antes impediam a circulação das diferentes vozes, tem sido a tarefa cotidiana de tantas mulheres e homens no campo da saúde, fazedoras(es) e refazedoras(es) do SUS. É sobre estes processos de (re)construção dos saberes e fazeres no mundo da saúde que esta coletânea se detém, colocando em análise o papel que a Educação Popular em Saúde tem tido para este processo.

Esta realização do GT EdPopSaúde/Abrasco foi publicada pela Editora do CCTA da UFPB e se divide em três volumes:

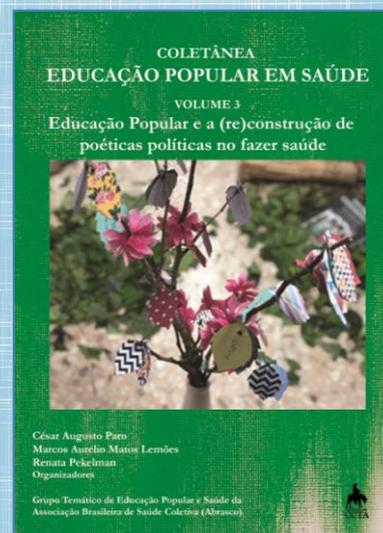
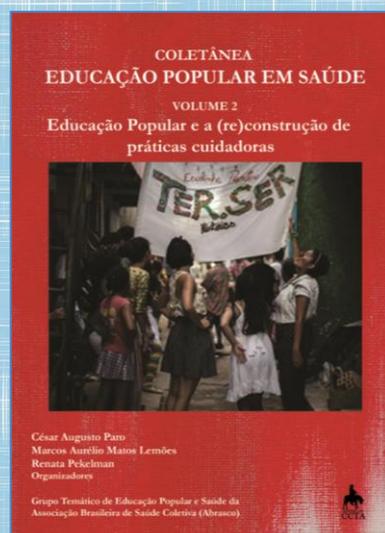
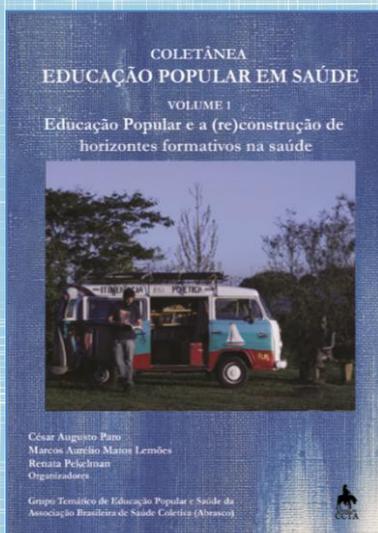
Volume 1 - Educação Popular e a (re)construção de horizontes formativos na saúde

Volume 2 – Educação Popular e a (re)construção de práticas cuidadoras

Volume 3 – Educação Popular e a (re)construção de poéticas políticas no fazer saúde

Os 38 manuscritos que compõem os três volumes da coletânea congregam relatos de experiências, divulgação de pesquisas, ensaios teórico-conceituais e poemas. São textos escritos por 125 autores(as) – trabalhadores(as) de saúde, educadores(as) populares, militantes, estudantes, professores(as), pesquisadores(as), acadêmicos(as) –, que, num movimento (re)construtor, cultivam o bem viver: semeiam inéditos viáveis, regam com o esperar, adubam com pensamento crítico, esperam pacientemente impaciente os tempos de cada processualidade e colhem/admiram as flores que emergem dali – as transformações cotidianas de si e do mundo. Saiba mais.

[Baixe aqui a versão eletrônica destas publicações](#) e [confira aqui o lançamento virtual.](#)



**REVISTA DE EDUCAÇÃO POPULAR
EDIÇÃO TEMÁTICA EM “EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE”**

Por **César Augusto Paro**, **Grasiele Nespoli** e **Luanda de Oliveira Lima**
Organizadores da Edição Temática e Integrantes do GT EdPopSaúde/Abrasco

Dentre os objetivos do GT EdPop/Abrasco, está o de incentivar e divulgar produções técnico-científicas e análises dos processos relacionados à educação popular em saúde como referencial teórico-metodológico para a reorientação da formação, participação social, atenção à saúde na perspectiva da integralidade e valorização dos usuários e suas necessidades como elemento central para o fortalecimento e consolidação do SUS. Por isso, em outubro de 2019, iniciou parceria com a Revista de Educação Popular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para **edição temática em Educação Popular em Saúde**. Esta edição conta com 21 manuscritos, dentre artigos originais de pesquisa, relatos de experiência, pontos de vistas, entrevista e editorial. Parte deles deriva de chamada pública que recebeu proposições de protagonistas de movimentos sociais, educadores populares em saúde, estudantes, docentes e pesquisadores. Já seis destes manuscritos foram produzidos pelos membros do GT, que foram convidados a atualizarem as discussões desenvolvidas nos painéis temáticos do II Seminário Temático deste GT, ocorrido de quatro a cinco de fevereiro de 2020, em Parnaíba/PI. [Saiba mais](#).

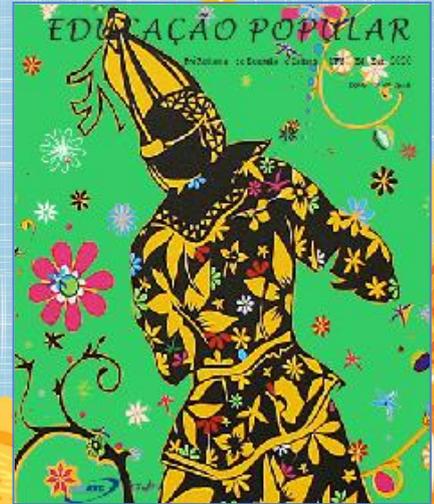


Imagem: Revista de Educação Popular.

LIVRO

**SABERES DA EXPERIÊNCIA: SISTEMATIZAÇÃO DO CURSO DE
APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE**

Por **Grasiele Nespoli**

Pesquisadora da EPSJV/Fiocruz e Integrante do GT EdPopSaúde/Abrasco

Este **livro** aborda a experiência do **EdPopSUS**, estratégia de implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde. A segunda edição do curso, coordenada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, formou mais de 11 mil trabalhadores e lideranças comunitárias em 15 estados. Na educação popular, a experiência é fonte de saber, refere-se àquilo que marca, afeta e constitui a vida das pessoas. Quer dizer, a experiência não é o caminhar automático e vazio, porque carrega o ato reflexivo de dar sentido à existência. A sistematização, por sua vez, é o método crítico de leitura das experiências, que requer o exercício da ação-reflexão-ação que gera saberes e aprendizagens. A sistematização do EdPopSUS foi pensada desde o início do projeto e fez parte de suas orientações político-pedagógicas. A proposta é que todos pudessem, além de tomar suas experiências de vida e trabalho como fonte de sabedoria, refletir sobre a experiência formativa com base nos princípios da educação popular. Com isso, foram gerados diversos registros como os diários dos encontros, relatórios feitos por educadores, cartas dos educandos e grupos focais com o intuito de aprofundar as reflexões sobre a experiência. O livro é, portanto, a memória do EdPopSUS em uma perspectiva nacional! Confira o seu **lançamento** e o **documentário feito sobre o Encontro Nacional do EdPopSUS**, realizado em Caucaia/CE, 2018.



Imagem: EPSJV/Fiocruz.

EXPEDIENTE

Boletim do Grupo Temático de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Boletim GT EdPopSaúde/Abrasco)

Ano 1 - n. 1 - ago. 2020

Realização: GT EdPopSaúde/Abrasco

Organização: César A. Paro, Grasielle Nespoli e Pedro José Santos Carneiro Cruz

Programação visual: André Sampaio e César A. Paro

Revisão ortográfica: César A. Paro

Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gteducaacaopopularesaude/>



ABRASCO

GT Educação Popular
e Saúde